



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **DIVERSIDADE E COMPORTAMENTOS JUVENIS**

### **Estudo dos estilos de vida de jovens de origens étnico-culturais diferenciadas em Portugal**

Maria Isabel dos Santos Resgate Gomes  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Católica Portuguesa  
C. elet.: [isabelresgate@gmail.com](mailto:isabelresgate@gmail.com)

#### **Aproximação ao problema**

Os estilos de vida e a saúde estão intimamente ligados, sendo os factores ambientais, os hábitos alimentares, o hábito de fumar, o uso e abuso de álcool e drogas, a actividade sexual desregrada, influenciadores de um desenvolvimento integral harmonioso e saudável. A aquisição e sedimentação de muitos dos comportamentos e hábitos, determinantes para a saúde na idade adulta, ocorrem durante a infância e a adolescência. Os jovens oriundos de grupos étnico-culturais minoritários, pela peculiaridade das pressões, a que estão sujeitos - aculturação, discriminação, racismo, desenraizamento, preconceito – poderiam evidenciar prevalência de condutas problemáticas, no entanto, estes jovens não se envolvem ou envolvem-se com menor frequência em comportamentos-problema (Bachman et al., 1991; Wallace e Bachman, 1994).

A *adolescência* caracteriza-se por um processo de transformação, com mudanças rápidas ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural. Frasquilho (1996) refere a existência de domínios de homogeneidade, mas sublinha que “a heterogeneidade decorrente dos tecidos socioculturais não pode ser negada. Neste sentido a adolescência não é um fenómeno universal”.

Bachman et al. (1991) e Wallace e Bachman (1994), referem que os jovens de origem africana não se envolvem, ou envolvem-se com menor frequência, em comportamentos-problema, apesar de apresentarem características associadas a estilos de vida que envolvem perigosidade (normalmente são mais pobres, provêm de famílias mono-parentais e são sujeitos a pressões específicas), sugerindo a existência nestes grupos, de factores que influenciam positivamente o comportamento dos jovens - a existência de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

laços familiares fortes, a religiosidade e o envolvimento em organizações sociais (Gibbs e Hines, 1989; Amey, Albrecht e Miller, 1996).

*Os factores* susceptíveis de influenciar os comportamentos juvenis são diversos: de natureza individual (o auto-conceito, a depressão o “stress” o “locos de controlo”) e sócio-culturais (a família, a escola, o grupo de pares, as actividades de ocupação de tempos livres, as tensões inerentes às situações de aculturação e à etnicidade).

Quanto à *família*, a qualidade dos laços familiares e das normas transmitidas, a modelação parental, a disfunção familiar, a natureza da estrutura familiar e os estilos educativos, são relevantes no envolvimento no uso e abuso de substâncias (Andrews et al., cit. por Oetting, E. R. e Donnermeyer, J. F., 1998; Hawkins e Fitzgibbon, 1993); Relativamente às diferenças étnicas no uso de substâncias, a família tem mais influência no consumo, nos jovens de origem africana, do que nos jovens de origem europeia. (Catalano et al. e Swaim et al., cit. por Oetting, E. R. e Donnermeyer, J. F., 1998).

No que diz respeito à *escola*, esta é responsável pela transmissão de normas e padrões comportamentais, sendo esta função comprometida pela existência de laços ténues e pelo abandono escolar precoce que facilitam o desenvolvimento de condutas perigosas (Fagan e Pabon e Tildesley et al., cit. por Oetting e Donnermeyer, 1998). Quanto aos grupos étnicos, a actuação da escola é mais reduzida, por serem os seus jovens que apresentam maiores dificuldades de adaptação e índices mais elevados de abandono.

Relativamente ao *grupo de pares*, na generalidade, para os jovens, a convivialidade entre amigos reveste-se de extrema importância e os comportamentos individuais são influenciados pelas normas grupais. O facto de a socialização dos jovens decorrer distante da supervisão dos adultos e das instituições centralizadas, possibilita o desenvolvimento de normas e valores que podem conduzir à emergência de comportamentos desviantes (Detry, B. e Cardoso, A., 1996). Considerando as diferenças étnicas, as correlações entre comportamentos desviantes e influência de pares são menores nos grupos minoritários (Newcomb e Bentler; Gottfredson e Koper, cit. por Oetting e Donnermeyer, 1998).

Reportando-nos aos *tempos livres*, quando os jovens ocupam os tempos de lazer construtivamente, raramente se envolvem em actividades prejudiciais (Weis, cit. por Duarte, 1995). A diversidade de situações sociais e culturais tornam heterogénea a experiência de ser jovem, mesmo no âmbito das práticas de lazer.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Considerando as questões inerentes à *aculturação*, para Segal, (1997) no processo de adaptação a uma nova cultura o indivíduo poderá reagir de três formas: a) estabelecer ou manter vínculos com o grupo cultural a que pertence, de modo a restabelecer ou dar continuidade à cultura tradicional no novo contexto; b) comportar-se como se permanecesse na sua cultura tradicional, apesar do contexto e dar a entender aos outros que serão seles que têm que se adaptar a ele; c) aceitar os novos valores e padrões de comportamento. Qualquer das escolhas terá consequências para a saúde física e mental, reflectindo-se na estrutura da personalidade. O processo de aculturação intensifica os problemas típicos da adolescência, como a (re)construção da identidade pessoal. Berry e Annis (1974) consideraram a mudança cultural, a quebra dos laços familiares, a mudança brusca de ambiente, as barreiras linguísticas e a discriminação como factores indutores de pressão entre os jovens.

Em relação à *etnicidade*, investigações efectuadas nos EUA, tendo em conta subgrupos étnico-culturais diferenciados, revelaram a existência de padrões mais elevados de bebida e de consumo de drogas ilícitas entre os jovens de origem europeia, comparativamente aos de origem africana e asiática, (Barnes e Welte, 1986; Bachman et al., 1991; Wallace e Bachman, 1994; Wallace, Bachman, O'Malley e Johnston, 1995).

No que se refere à *religião e religiosidade*, avaliadas pela frequência regular da igreja e pelo valor subjectivo da religião para o indivíduo, estas estão fortemente relacionadas com o não consumo de substâncias, enquanto que a inexistência de actividade ou afiliação religiosa, está correlacionada com o seu uso (Irwin et al. cit. por Igra et al., 1996); Donovan, Jessor e Costa 1988, 1991).

Considerámos como temáticas de abordagem mais pertinente: os *hábitos alimentares*, o *consumo de álcool, tabaco e outras drogas* e o *VIH/SIDA*.

As necessidades nutricionais do adolescente são específicas, sendo no entanto as influências de natureza psicológica, familiar e cultural as principais modeladoras dos consumos alimentares nesta faixa etária. O consumo de álcool em crianças e adolescentes está na origem de baixo rendimento e abandono escolar, atitudes violentas, suicídios, homicídios, formas de mortalidade juvenil, passagem ao uso de substâncias ilícitas e contracção de SIDA (Boruch et al., 1991). Um número significativo de jovens, continua a iniciar o uso de tabaco na adolescência, merecendo o seu consumo atenção especial, pelas consequências adversas na saúde, a médio e longo prazo. A maior parte



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

dos comportamentos associados ao VIH/SIDA são de natureza interpessoal, só podendo ser combatidos através da promoção de comportamentos e atitudes sociais ajustadas, dependendo a sua eficácia do facto de serem culturalmente sensitivas, apropriadas ao nível de desenvolvimento, e relevantes para ambos os sexos.

### Trabalho de Campo

O nosso estudo exploratório da realidade portuguesa, tem como finalidade contribuir para um conhecimento mais aprofundado de uma população adolescente de origens diferenciadas - africana, asiática e portuguesa, através da detecção e compreensão de algumas das suas diferenças mais significativas. Tal finalidade operacionalizou-se nos seguintes objectivos: 1) Identificar o que mais acentuadamente distingue os jovens de diferentes contextos étnico-culturais nos domínios: familiar, escolar, pessoal e social, religioso, relativos à identidade, aos hábitos de lazer e de saúde, bem como a opinião dos jovens quanto às razões que determinam os consumos prejudiciais e possíveis soluções; 2) Estabelecer eventuais relações entre o que distingue os jovens e o surgimento e/ou consolidação de comportamentos perigosos; 3) Identificar os consumidores de substâncias nocivas (essencialmente de álcool, tabaco e drogas ilícitas) e relacionar o seu uso/consumo com factores de natureza psicossocial (intrapessoal, familiar, relacional e escolar).

O estudo baseou-se na aplicação de um questionário de auto-aplicação a uma população de adolescentes e tratamento estatístico dos dados, sendo a amostra constituída por 288 jovens. O grau de significância estatística, obteve-se efectuando o teste de “chi-square” em que se tem a diferença indicada por: \*\* altamente significativa ( $P = < 0,01$ ) e \* significativa ( $P = < 0,05$ ), é assinalado junto de algumas variáveis.

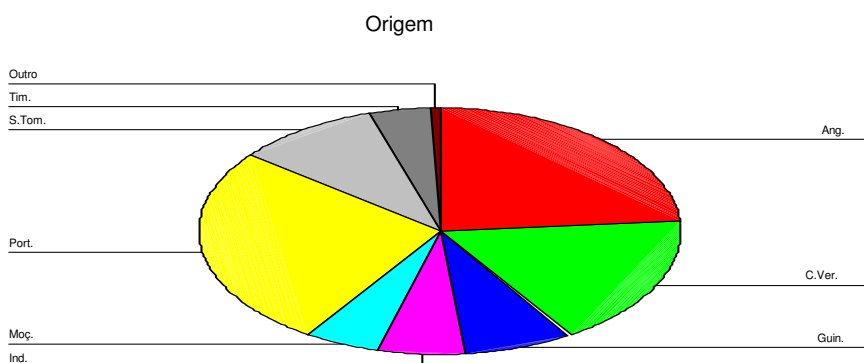


Figura 1 - Distribuição dos elementos da amostra em função da origem

Os jovens de origem portuguesa e angolana encontram-se representados maioritariamente respectivamente com 26.4 % e 23.6 %. Seguidamente temos os Cabo-Verdianos com 17.4 % e por fim os grupos com percentagens inferiores a 10%: 9.7% S. Tomenses, 7.3 % Guineenses, 5.9 % Indianos, 4.9 % Moçambicanos, 4.2% Timorenses (Figura 1).

No que se refere aos aspectos *sócio-demográficos*, salienta-se a reduzida representatividade das jovens de origem indiana. A maioria dos adolescentes tem idade compreendida entre os 10 e os 14 anos, exceptuando-se os Angolanos e Portugueses, cuja idade predominante, se situa entre os 15 e os 19 anos (Figuras 2 e 3).

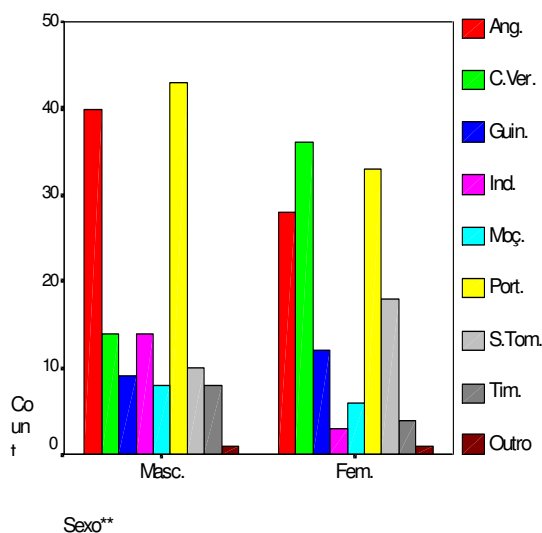


Figura 2 - Representação da amostra por sexo

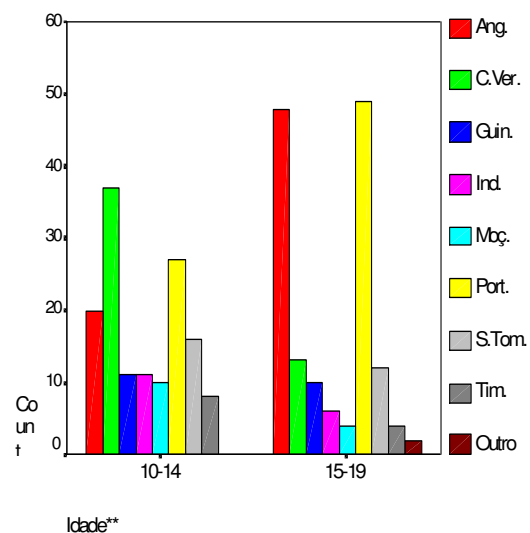


Figura 3 - Representação da amostra por idade

O grau de escolaridade dos pais situa-se predominantemente no nível básico, registando-se um elevado grau analfabetismo nas mães Cabo-Verdianas. A profissão dominante é a de operário no caso do pai. Distinguem-se os Angolanos por neles se verificar, mais no que diz respeito ao pai, a existência de profissões de nível médio. A profissão de doméstica prevalece no que se refere à mãe.

Quanto ao vector *familiar*, a presença da mãe poderá estar relacionada com o facto de a maioria dos jovens assinalarem ter facilidade em conversar com ela sobre as suas preocupações, enquanto que com o pai essa capacidade de diálogo é difícil. Reforça esta



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

nossa conclusão o facto do maior o número de mães trabalhadoras se verificar no grupo dos Portugueses, nos quais concomitantemente predomina a não existência de "alguém com quem falar." Para os jovens, é contudo, entre os irmãos e os amigos que mais facilmente dialogam sobre os seus problemas, como resulta da interpretação dos dados do inquérito que elaborámos. A família nuclear predomina nos diversos grupos, excepto nos S. Tomenses, nos quais sobressai a existência da família monoparental, podendo este fenómeno estar relacionado com o facto dos jovens S. Tomenses se destacarem por sentirem sempre falta de apoio e falta de confiança em si próprios. A disponibilidade dos pais a nível do acompanhamento presencial, e da preparação cultural, é segundo o nosso, estudo um elemento importante: os jovens Portugueses são os que menos acompanhamento possuem por parte dos familiares aparecendo no nosso inquérito como os que revelam comportamentos de maior consumo de substâncias nocivas (álcool e tabaco). O grupo dos jovens Africanos revela que os familiares têm mais influência no seu uso de substâncias, ao contrário do que acontece com os de origem europeia. Constata-se ainda a existência de pouca severidade por parte dos pais/familiares dos jovens Portugueses contrastando com a muita severidade nos jovens não Portugueses: Cabo-Verdianos, S.Tomenses, Guineenses e Indianos.

No que diz respeito a *si próprios*, os adolescentes portugueses são aqueles que mais gostam de se parecer com figuras mediáticas, e apenas uma reduzida percentagem, gosta de se parecer consigo próprios ou com os seus antepassados, ao contrário do que se verifica nos adolescentes não Portugueses, essencialmente nos Angolanos e nos Cabo-Verdianos. Gostaríamos ainda de destacar a tendência dos Africanos para valorizarem a sua evolução pessoal, consentânea com os modelos sociais decorrentes das suas raízes e identidade étnico-cultural. O sentimento de marginalização, falta de apoio e falta de confiança em si próprio é marcante nos jovens não Portugueses, em especial nos S. Tomenses, Cabo-Verdianos e Angolanos. Esta constatação vem corroborar o que Gibbs (1984), salienta: que os jovens de origem africana vivem mais frequentemente situações de marginalização e discriminação.

Na ocupação dos *tempos livres e convívio*, concluímos que os adolescentes dedicam as horas de lazer sobretudo a ver a televisão. A predominância da televisão é uma constatação do nosso trabalho já salientada por Schmidt em 1993 (cit. por Detry, B. e Cardoso, A. em 1996). Para aquele autor, "os tempos livres dos Portugueses são

fortemente marcados pela exposição à televisão”. Depois daquela actividade ouvir música e passear no centro comercial, são as ocupações preferenciais. São os jovens Portugueses que mais frequentam cafés e casas de jogos (Figura 4).

Os Indianos destacam-se pelo hábito de frequentar centros comerciais e viverem mais circunscritos ao seu habitat, mantendo predominantemente contactos com a família.

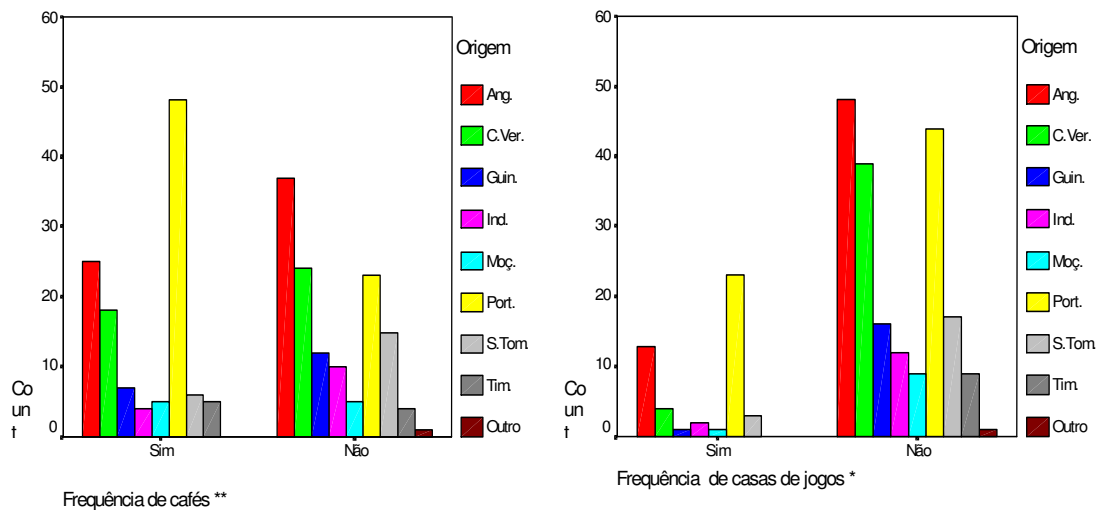


Figura 4 - Distribuição dos diferentes grupos em função de locais de lazer

Relativamente à *identidade e aculturação*, concluímos que a origem dos jovens se relaciona significativamente com o seu envolvimento em actividades de natureza cultural específica. Contrastando com os Portugueses, os jovens Angolanos, Cabo-Verdianos, Guineenses, S. Tomenses, Indianos e Moçambicanos participam em actividades ligadas a aspectos culturais que lhes são próprios, nomeadamente dança, festas tradicionais e aprendizagem da língua-mãe. A defesa e manutenção da identidade que sentem como sua, manifesta-se ainda na preferência em ir viver no seu país de origem, e no facto de gostar de se parecer com os seus antepassados, distinguindo-se também neste aspecto dos Portugueses. O estabelecimento e manutenção de vínculos com o grupo cultural de pertença, dando continuidade à cultura tradicional, são assim consentâneos com as teorias de Segal (1997). (Figuras 5, 6 e 7).

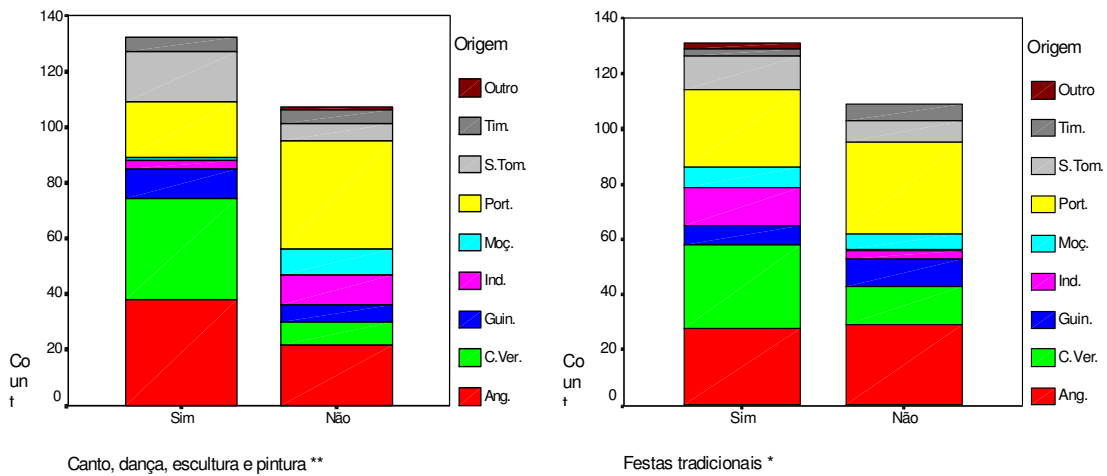


Figura 5 - Distribuição dos diferentes em função das actividades de natureza cultural

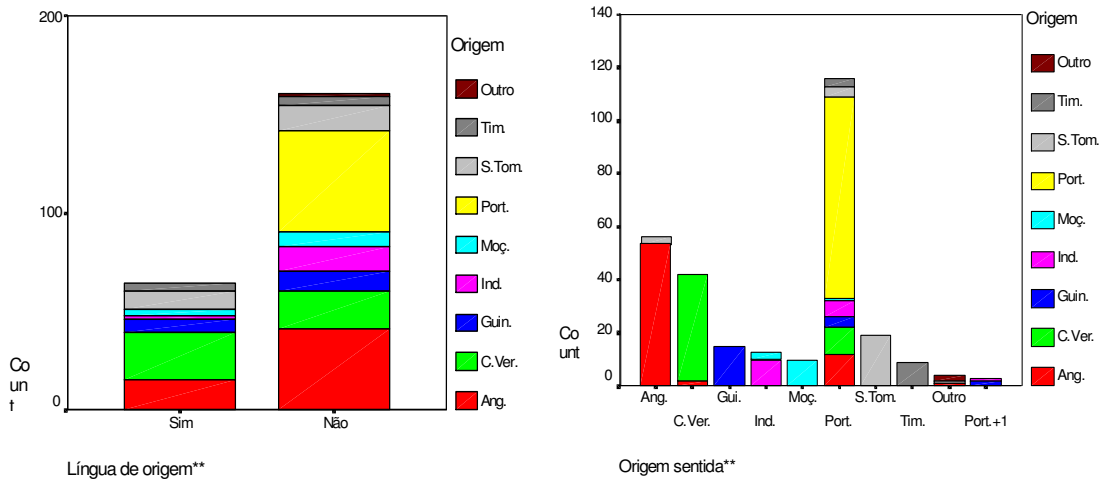


Figura 6 - Distribuição dos diferentes grupos segundo a aprendizagem da língua-mãe

Figura 7 - Distribuição dos diferentes grupos em função da origem sentida

Quanto ao *âmbito escolar*, não podemos deixar de referir que o fenómeno de marginalização ou de pertença a um grupo minoritário é factor agravante do insucesso escolar. Mais uma vez a aculturação e a marginalização se apresentam como duas faces da mesma moeda, exercendo as suas pressões e tensões contraditórias, segundo a sensibilidade de cada indivíduo e do seu grupo étnico. Neste sentido se podem também interpretar as razões de interrupção dos estudos ou mesmo de abandono da escola, em relação com a origem dos adolescentes do nosso estudo. É assim que os jovens Cabo-Verdianos são os únicos que apresentam como argumento para o abandono escolar o facto de se sentirem desintegrados e diferentes dos outros (Figura 8).

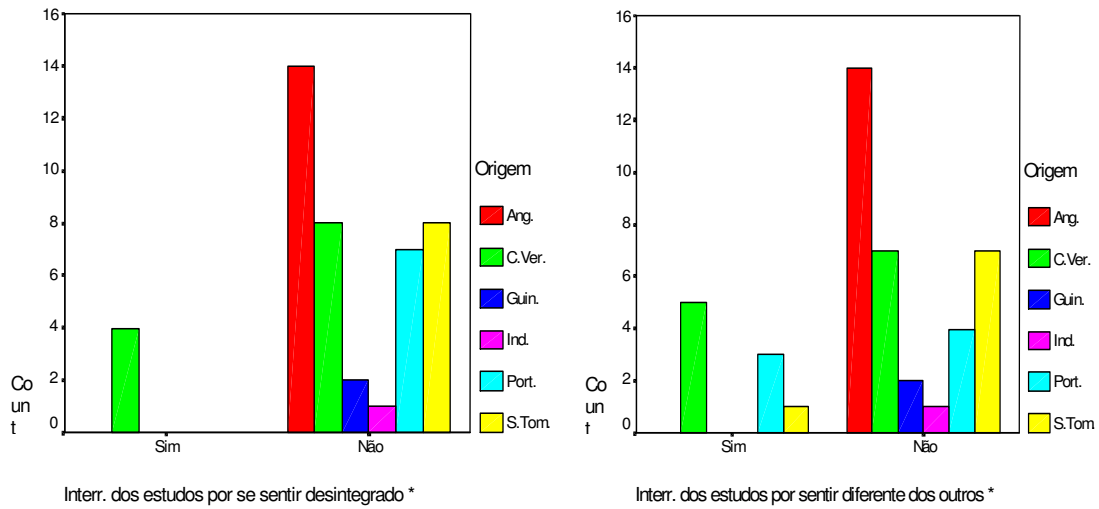


Figura 8 - Distribuição dos diferentes grupos em função de razões de interrupção dos estudos

Quanto às aspirações académicas verificámos que estas estão condicionadas pela sua ascendência étnico-cultural: os Angolanos destacam-se por pretenderem atingir um nível de formação superior, os Portugueses uma formação técnico-profissional e os Indianos por somente 18.8% pretender obter um grau superior e 50% pretender atingir apenas a escolaridade básica. Estes dados poderão ser interpretados pelas teorias de autores como Flewelling & Bauman (1990), que consideram que o percurso educativo dos jovens depende do estatuto sócio-económico e cultural da família (Figura 9).

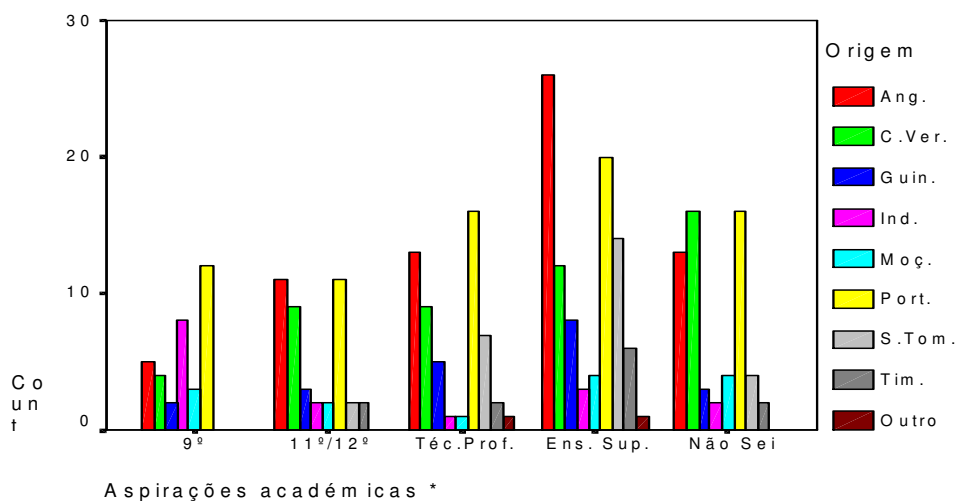


Figura 9 - Distribuição dos diferentes grupos segundo as aspirações académicas

O futuro é por definição o tempo da juventude. O nosso inquérito teve a preocupação

de auscultar os jovens quanto a questões que nos ajudassem a compreender o seu presente, mas que igualmente nos pudessem dar indicações de como antevêem o seu futuro. A maioria dos jovens tem ideias bem definidas em relação ao que gostaria de vir a fazer, ambicionando ter uma boa profissão - diferente da dos seus progenitores - e a obtenção de um curso e procurar emprego após a escolaridade é importante para conseguir a vida que desejam, sendo-o para a totalidade dos Guineenses, Moçambicanos e Timorenses. Os Angolanos e Cabo-Verdianos detêm a percentagem mais elevada dos que consideram que a sua vida será igual à dos seus pais, mostrando um certo grau de conformismo e passividade. (Figura 10). Os jovens têm uma perspectiva positiva e actuante da sua vida futura, atribuindo-se a capacidade de serem agentes do seu futuro - o que está de acordo com o “locus de controlo interno” de Rotter em 1966 e Weiner em 1974 (cit. por Detry, B. e Cardoso, A. em 1996).

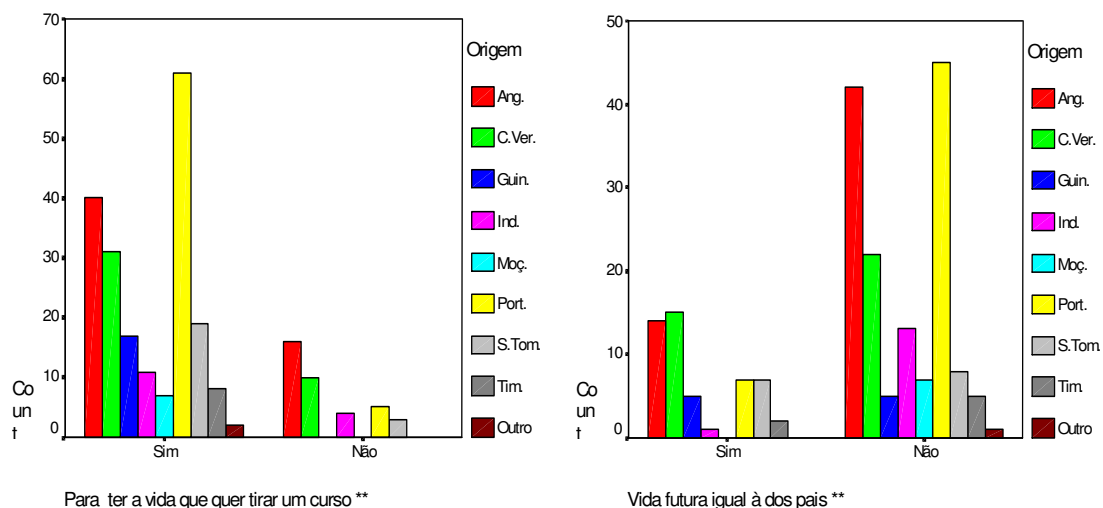


Figura 10 - Distribuição dos diferentes grupos em função de perspectivas futuras

Um leque variado de problemas de saúde do adulto e consequentes repercussões na duração e qualidade de vida surge como resultado de *hábitos alimentares* incorrectos - hábitos esses adquiridos, em fases anteriores de desenvolvimento, nomeadamente na infância e na adolescência. A modelação dos hábitos alimentares é influenciada por condicionantes familiares e com particular pertinência para o nosso estudo, de natureza cultural. Assim no que se refere aos jovens por nós estudados, a ingestão de carne de vaca é quase inexistente entre os Indianos, estando de acordo com a sua cultura. Estes dados são consentâneos com a análise bibliográfica efectuada: de acordo com Michaud et al. em 1991 (cit. por Águas, B. et al. em 1996), as influências de natureza familiar e

cultural são as principais modeladoras dos consumos alimentares dos jovens. Adquire esta questão especial acuidade se considerarmos a importância de que se reveste para o adolescente a sua imagem, em fase marcada por alterações a nível biológico e psicossocial. Aspecto este evidenciado pelo facto de, no que se refere ao auto-conceito, os jovens do nosso estudo se sentirem maioritariamente satisfeitos consigo próprios, mas quando se verifica insatisfação esta dizer respeito ao aspecto físico (gordura). Os jovens que estudámos, independentemente da origem, parecem ter uma ingestão diária adequada no que se refere a fruta, cereais e leite.

A ingestão de *álcool, tabaco e drogas ilícitas* (Figuras 11, 12 e 13), constitui um problema de reconhecida gravidade, tanto mais que o seu consumo pontual tem frequentemente início na adolescência, transformando-se depois, por vezes, num fenómeno habitual. O consumo de álcool reveste-se de especial importância pois constitui o primeiro e mais usado destes produtos, estando ainda o seu consumo associado à ocorrência de acidentes, ao despoletar de atitudes violentas e à passagem sequencial ao uso de outras substâncias.

Concluimos que nos jovens estudados, para qualquer das substâncias nocivas, os valores percentuais decrescem, conforme dizem respeito a uma primeira experiência ou ao consumo recente - o que permite deduzir o predomínio da experimentação e cessação de consumo. Constatámos a existência de consumo regular de álcool em 5.8% (sendo a bebida de consumo predominante a cerveja, seguida pelas bebidas espirituosas), de tabaco em 4% e de drogas ilícitas em 1.4%.

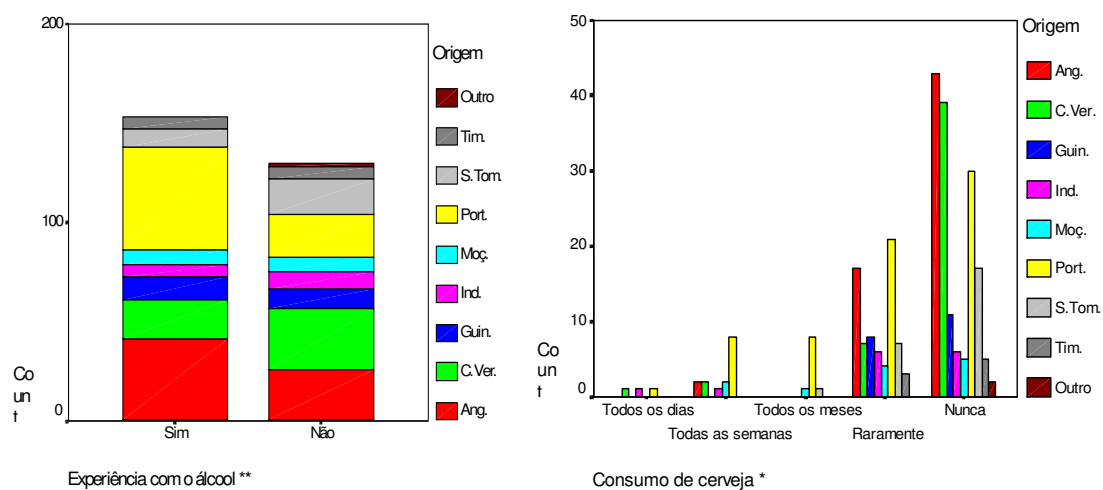


Figura 11 - Distribuição dos diferentes grupos por experiência com álcool e consumo de cerveja

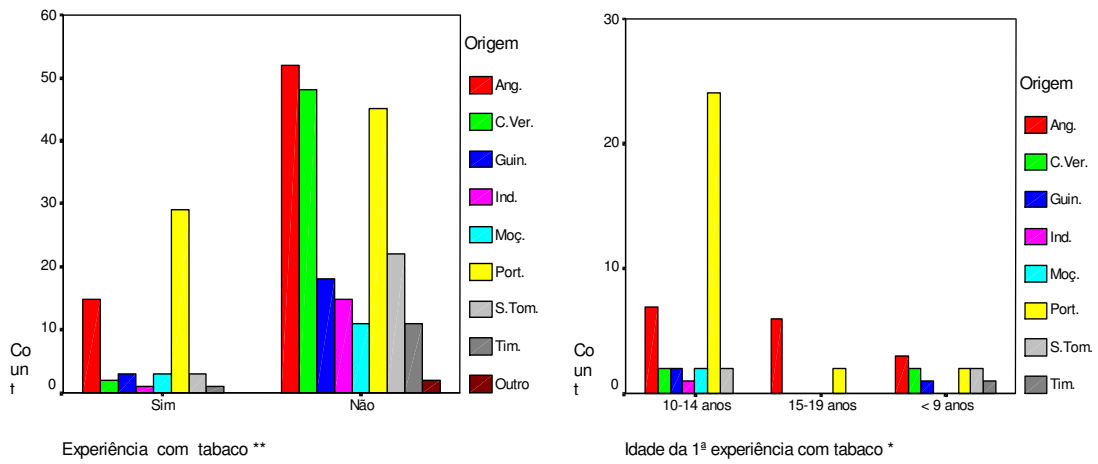


Figura 12 - Distribuição dos diferentes grupos por experimentação de tabaco e idade da primeira experiência

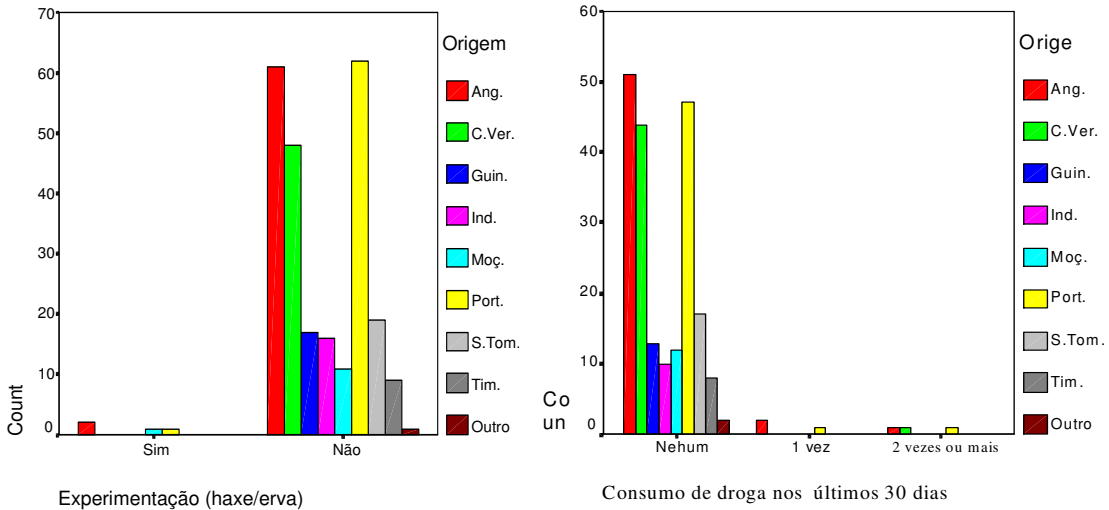


Figura 13 - Distribuição dos diferentes grupos por experimentação e consumo de drogas ilícitas

Vários factores concorrem para influenciar o consumo de substâncias nos jovens, sejam de natureza individual, familiar, social ou cultural.

Presumir-se-ia que os jovens oriundos de grupos étnico-culturais minoritários, pelo facto de estarem sujeitos a condicionalismos mais particulares - desenraizamento, discriminação, aculturação - deveriam evidenciar predominância de comportamentos perigosos, nomeadamente de consumo de álcool e tabaco. No entanto, a influência das práticas e modelos parentais, a existência de normas e a selecção de pares, parecem ser factores influenciadores dos consumos, levando os jovens de grupos minoritários a serem os que menos consomem estas substâncias nocivas. Nos jovens do nosso estudo a experimentação e consumo regular de álcool e tabaco relaciona-se significativamente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

com a idade e com o sexo dos jovens, predominando nos Portugueses e Angolanos cuja faixa etária se situa entre os 15-19 anos e nomeadamente no sexo masculino. O início do consumo regular de álcool verifica-se entre os 10-14 anos nos dois grupos. Já no que se refere ao tabaco, para os Portugueses situa-se naquele nível etário, enquanto que nos Angolanos se verifica a iniciação mais tardia, entre os 15-19 anos.

Nos Portugueses verifica-se o consumo regular de álcool e tabaco em percentagem mais elevada comparativamente aos adolescentes Angolanos. Verificámos ainda que nos jovens Portugueses o consumo se verifica predominantemente com os amigos e em segundo lugar com os pais, sendo também no agregado doméstico/familiar destes jovens, que se constata a maior percentagem de consumidores de álcool uma predominância dos fumadores. Relativamente aos jovens Angolanos, pode constatar-se uma percentagem mais significativa de elementos do agregado familiar não consumidores de álcool e predominância dos não fumadores.

Os Portugueses são os adolescentes que mais se envolvem em estados de embriaguez e detêm a predominância de envolvimento em episódios violentos. Acresce ainda que é neste grupo, que a maioria dos familiares e amigos aprova o consumo de substâncias sendo a aquiescência essencialmente relativa ao álcool e ao tabaco.

As teorias dos autores a seguir referidos podem oferecer uma explicação para estes dados por nós obtidos. Por exemplo Barnes e Welte (1986), Bachman et al. (1991) e Johnston et al. (1994), opinam que os jovens oriundos de grupos minoritários se envolvem menos em comportamentos-problema; Catalano et al. em 1992 e Swaim et al. em 1993 (cit. por Oetting, E. R. e Donnermeyer, J. F. em 1998), concluíram existirem diferenças étnicas, na influência familiar, tendo as famílias de origem africana mais influência no uso de substâncias nos jovens do que as de origem europeia; Peterson, Hawkins, Abbot e Catalano (1994), revelaram que os pais de jovens de origem africana bebiam menos frequentemente, tinham normas mais rigorosas contra o uso de álcool e consideravam o uso de álcool mais prejudicial, não permitindo que os filhos o consumissem no meio familiar, enquanto os pais de origem europeia são menos rigorosos; Hawkins, Catalano e Miller (1992), verificaram que a influência da modelação de papéis familiares e da selecção de pares consumidores determina comportamentos-problema; Hawkins e Fitzgibbon (1993), deduzem que os comportamentos do jovem podem ser aprendidos pela observação dos comportamentos

dos pais.

Verificámos que, quer a experimentação quer o consumo regular de drogas ilícitas, predomina entre os jovens não Portugueses. A idade de iniciação situa-se entre os 13-15 anos, sendo a substância normalmente o haxixe, a erva e o chamon. Nestes grupos que tomam drogas ilícitas verifica-se a predominância de alguns amigos e familiares consumidores. Ora estas conclusões não estão em consonância com a revisão bibliográfica efectuada: Nos EUA, Johnston (1994) concluiu a inexistência ou existência reduzida de consumos de drogas nos jovens de origem africana, comparativamente aos de origem europeia.

No que respeita ao *VIH/SIDA*, concluímos que a maior parte dos jovens tem um nível de conhecimento insuficiente sobre a doença e do seu modo de contágio. Nomeadamente, a maioria dos jovens Indianos e S. Tomenses desconhece a possibilidade de contágio através de objectos pessoais.

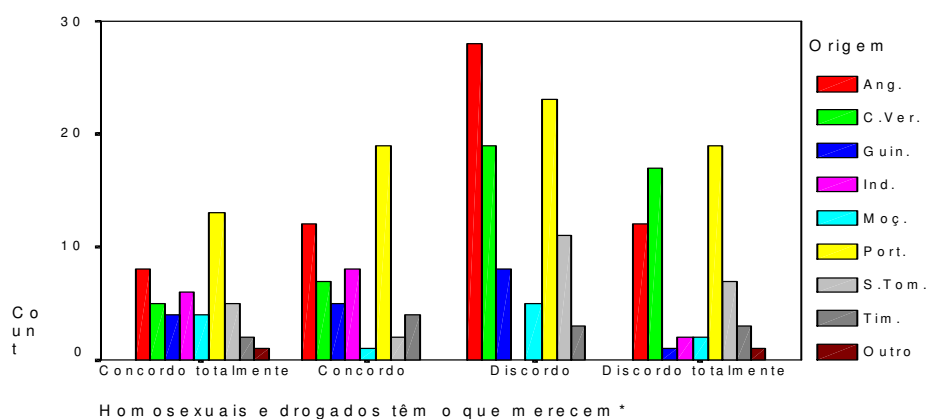


Figura 14 - Distribuição dos diferentes grupos segundo atitudes face a doentes com SIDA

A atitude face à doença e pessoas com SIDA é na globalidade positiva embora algumas respostas sugeriram a persistência de medos: um número reduzido de jovens considera que não se deve sentar ao lado de pessoas com SIDA, mas em valor percentual igual ou superior 50%, são de opinião que não podemos partilhar casas de banho e vestiários com pessoas contaminadas. Verificam-se ainda nalguns grupos atitudes negativas face à doença e às pessoas contaminadas: Os Indianos consideram que o contágio pode ocorrer por contactos sociais (tocar numa pessoa com SIDA) e a sua simpatia para com os doentes depende da forma como contraíram a doença (concordam com o facto de os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

homossexuais e drogados terem o que merecem ao contrair a doença - Figura 14). O aspecto religioso é também diferente neste grupo. Consideram significativamente que a SIDA é um castigo divino, para punir as más acções das pessoas, podendo esta diferença estar relacionada com aspectos inerentes à cultura destes jovens de origem indiana. Apesar de tudo, a informação é insuficiente, pela percentagem significativa de respostas “Não Sei” e pelo facto de os conhecimentos sobre SIDA serem adquiridos primeiro entre os amigos e só depois com os professores, seguindo-se os meios de comunicação e por fim a família. Estes resultados vêm corroborar as posições de Airhihenbuwa, Wingwood e Lowe (1992), os quais acentuam que deve ser tida em consideração a heterogeneidade dos adolescentes, com valores e normas subculturais diversas e a adequação ao nível de desenvolvimento e de Ayres (1991), segundo a qual a estigmatização e o medo têm como razão fundamental “uma informação insuficiente, não em termos de quantidade, porque ela tem sido bastante, mas insuficiente em termos de qualidade.”

Relativamente à *religião*, constata-se que predomina em larga maioria o Catolicismo, essencialmente nos jovens Timorenses, Cabo-Verdianos, Portugueses, Guineenses e Angolanos. Estes jovens, consideram que a sua religião não aprova o consumo de álcool, tabaco ou drogas. Do ponto de vista sociológico é interessante salientar que os adolescentes indianos hindus por nós consultados, consideram que a sua religião não discorda do consumo de álcool e tabaco, sendo mais permissiva relativamente ao primeiro.

Em relação à *opinião dos jovens* sobre os *motivos* que determinam o consumo de substâncias nocivas, concluímos que as razões dependem da substância e, nalguns casos, os motivos são inerentes às situações particulares vividas pelos grupos de jovens não Portugueses. O consumo de álcool tem como razões predominantes o estar associado a ocasiões festivas e a um sentimento de felicidade, ao consumo por familiares, a problemas financeiros e familiares, ao insucesso escolar e à disponibilidade nos locais que as pessoas frequentam. São ainda razões de importância significativa para os jovens S.Tomenses, Angolanos, Cabo-Verdianos o sentimento de marginalização e para os Timorenses e Angolanos o sentir-se diferente dos outros. O consumo habitual de tabaco, decorre de uma primeira experiência, de pretender mostrar adulez e ser mais considerado pelos outros, da influência do consumo por familiares - essencialmente para



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

os jovens Portugueses - e amigos, da sua existência nos locais frequentados, dos efeitos e do sabor e ainda de sentir-se diferente e posto de lado. Para o consumo de drogas ilícitas, as razões mais evocadas são: gostar dos efeitos, desconhecer a perigosidade, sentir-se posto de lado, sentir-se diferente, a primeira experiência e os problemas familiares. Estas razões são consentâneas com os factores e influências constantes da bibliografia analisada.

Os adolescentes do nosso estudo consideram que a *resolução* dos problemas de consumo e abuso de substâncias cabe, primeiramente, a cada um de nós e depois ao governo, devendo ser utilizados como meios: mais e melhor informação através dos meios de comunicação, mais amizade e solidariedade entre as pessoas - no que sobressaem os Cabo-Verdianos, grupo que mais se salientou por manifestar ser alvo de marginalização - , mais e melhor informação nas escolas e por último revalorização dos laços familiares.

### **Reflexão Final**

A diversidade inerente à juventude determina a necessidade de abordagens específicas para os vários grupos culturais por parte dos agentes responsáveis pelo acompanhamento e formação dos jovens, bem como dos investigadores deste objecto de estudo. Os estudos para a avaliação dos comportamentos e ulterior prevenção de eventuais situações de risco, em diferentes grupos étnico-culturais, necessitam ter em consideração vários factores básicos para obtenção de resultados efectivos. Entre estes factores incluem-se o desenvolvimento da sensibilidade cultural e respeito pela personalidade individual, através do conhecimento e valorização dos diferentes saberes, crenças e comportamentos da população em causa. Quer o processo, quer o conteúdo das intervenções, têm que ser objectivados de acordo com as necessidades específicas e experiências culturais desse grupo particular.

### **Referências Bibliográficas**

- Airhihenbuwa, C., DiClemente, R., Wingwood, G. e Lowe, A. (1992), “VIH/AIDS Education Prevention among African-Americans: A Focus on Culture”, in *Journal of AIDS Education and Prevention*, nº4, pp. 251-260.
- Águas, B. e Fonseca, H. (1996), “Estudo dos Hábitos Alimentares de uma População Adolescente”, in *Acta Pediátrica Portuguesa*, nº4, (27), pp. 693-697.
- Amey, C. H., Albrecht, S. e Miller, M. K. (1996), “Ethnicity and Substance Use -



- Racial Differences in Adolescent Drug Use: The Impact of Religion”, in *The International Journal of the Addictions*, nº3, (30), 1995, Stanley Einstein (ed.), Institute for the Study of Drug Misuse, Inc., Jerusalem, Israel.
- Ayres, L. (1991), “Precisamos Aprender a Viver com a Sida”, in *Revista Saúde e Escola*, nº 8, Gabinete dos Assuntos Sociais, Ministério da Educação, pp.15-16.
- Bachman, J. G., Wallace, J. M., O’Malley, P. M., Johnston, L. D., Kurth, C.L. e Neighbors, H.W. (1991), “Racial/Ethnic Differences in Smoking, Drinking, and Illicit Drug Use among American High School Seniors, 1976-89”, in *American Journal of Public Health*, nº 81, pp.372-377.
- Barnes, G. e Welte, J. (1986), “Adolescent Alcohol Abuse: Subgroup Differences and Relationships to other Problem Behaviours”, in *Journal of Adolescent Research*, nº 1, pp.79-94.
- Barnes, G. e Welte, J. (1986), “Patterns and Predictors of Alcohol Use Among 7-12<sup>th</sup> Grade Students in New York State”, in *Journal of Studies on Alcohol*, nº47, pp.53-62.
- Berry, J. e Annis, R. (1974), “Acculturative Stress: The Role of Ecology, Culture and Differentiation”, in *Journal of Cross - Cultural Psychology*, nº5 (4), pp. 382-406.
- Boruch, B., Coleman, D., Doria-Ortiz, C., Girouard, S., Goodman, A., Hudson, L., Kraus, J., Maseru, N., Prothow-Sith, D., Rugg, D.L. Stark, E., Stephens, R.D. e Sterling-Scott, R. (1991), “Violence Prevention Strategies Targeted at the General Population of Minority Youth”, in *Public Health Reports*, nº106, pp. 247-250.
- Detry, B. e Cardoso, A. (1996), *Construção do Futuro e Construção do Conhecimento, Textos de Educação*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Donovan, J. E., Jessor, R. e Costa, F. M. (1988), “Syndrome of Problem Behavior in Adolescence: A Replication”, in *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, nº56, pp.762-765.
- Donovan, J. E., Jessor, R. e Costa, F. M. (1991), “Adolescent Health Behavior and Conventionality-Unconventionality: An Extension of Problem Behavior Theory”, in *Health Psychology*, nº 10, pp.52-61.
- Duarte, T. (1995), *Estudo das causas da delinquência juvenil: respostas psico-sociais à delinquência*, Universidade Técnica de Lisboa, pp.41,43.
- Flewelling, R. L. e Bauman, K.E. (1990), “Family Structure as a Predictor of Initial Substance Use and Sexual Intercourse in Early Adolescence”, in *Journal of Marriage and Family*, nº52, pp.171-181.
- Frasquilho, M. (1996), *Comportamentos-Problema em Adolescentes: Factores Protectores e Educação para a Saúde - O caso da Toxicodependência*, Laborterapia, Lisboa.
- Gibbs, J. T. (1984), “Black Adolescents and Youth : An Endangered Species”, in *American Journal of Orthopsychiatry*, nº54, pp.6-21.
- Gibbs, J. T. e Hines, A. M. (1989), “Factors Related to Sex Differences in Suicidal Behaviour among Black Youth: Implications for Intervention and Research”, in *Journal of Adolescent Research*, nº4, pp.152-172.
- Hawkins, J. D., Catalano, R.F. e Miller, J. Y. (1992), “Risk and Protective Factors for



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- Alcohol and other Drug Problems in Adolescence and Early Adulthood: Implications for Substance Abuse Prevention”, in *Psychological Bulletin*, nº112 (1), pp.64-105.
- Hawkins, J.D. e Fitzgibbon, J.J. (1993), “Risk Factors and Risk Behaviors in Prevention of Adolescent Substance Abuse”, in *Adolescent Medicine State of the Art Reviews: Adolescent Substance Abuse and Addictions*, nº4 (2), M. Schydlower e P.D. Rodgers (Eds.), pp. 249-262.
- Igra, V. e Irwin Jr., C. (1996), *Theories of Adolescent Risk-taking Behavior* DiClemente, R. J., Hansen, W. B., Ponton, L. E. Editors, New York.
- Johnston, L., O`Malley, P. e Bachman, J. (1994), *Survey Results on Drug Use – Monitoring the Future Study, (I, 1975-1993)*, Rockville: National Institute of Drug Abuse.
- Oetting, E. R. e Donnermeyer, J. F., (1998), “Etiology of Substance Use - Primary Socialization Theory: The Etiology of Drug Use and Deviance”, in *The International Journal of the Addictions*, nº4, (33), Stanley Einstein (ed.), Institute for the Study of Drug Misuse, Inc., Jerusalem, Israel, pp.995-1015.
- Peterson, P., Hawkins, J., Abbot, R. e Catalano, R. (1994), *Journal of Research on Adolescents*, nº4 (2), pp. 203-227.
- Segal, B. (1997), “Sociocultural Perspectives on Volatile Solvent Use”, *Drugs and Society a Journal of Contemporary Issues*, nºs 1 e 2 (10), Fred Beauvais e Joseph E. Trimble (eds.), Haworth Press Incorporated.
- Wallace, J. M., Bachman, J. G., (1994), “Validity of Self-Reports in Student-Based Studies on Minority Populations”, in *Drug Abuse Among Minority Youth*, NIDA Research Monograph, Rockville.
- Wallace, J. M., Bachman, J. G., O` Malley, P. M. e Johnston, L. D., (1995), “Racial/Ethnic Differences in Adolescent Drug Use: Exploring Possible Explanations”, in *Drug Abuse Prevention with Multiethnic Youth*, G. Botvin, S. Schinke e M. Orlandi (Eds.), Sage Publications.